



## **Construção do acontecimento midiático: análise da morte de Eduardo Campos na Folha de S. Paulo<sup>1</sup>**

Marcela Luiza Alves Rodrigues<sup>2</sup>

Sofia Zanforlin<sup>3</sup>

Universidade Católica de Brasília

### **Resumo**

Inserido nos estudos das ciências sociais, o conceito de acontecimento foge da dimensão ordinária estabelecida pelo senso comum e ganha um novo significado na construção da notícia midiática. O acontecimento provoca rupturas em processos contínuos da sociedade, resgata passados esquecidos e modifica o futuro. Assim, o trabalho se propõe a analisar a construção da morte do presidente Eduardo Campos como acontecimento jornalístico, tendo por objetivo identificar como o acontecimento selecionado foi apresentado nas notícias publicadas no site da Folha de S. Paulo, entre o período de 13 de agosto e cinco de outubro de 2014.

### **Palavras-chave**

Jornalismo; acontecimento; mídia; notícia; fato.

### **Introdução**

Ao começar uma pesquisa sobre o acontecimento é difícil não questionar o porquê de se estudar o conceito, uma vez que a expressão já está introduzida de forma bastante clara na sociedade. De fato, o termo é comum e usual. As pessoas usam constantemente a palavra para relatar um fato, uma ocorrência vivida ou testemunhada; faz parte da comunicação entre as pessoas. Contudo, estudar o acontecimento na pesquisa acadêmica dentro do jornalismo passa dos limites do senso comum e se depara com conceitos epistemológicos que perpassam ciências como a História e a Filosofia.

Os acontecimentos, apesar de serem constituídos no presente, “convocam passados esquecidos” e projetam novos futuros: eles não são fatos isolados da história, mas ao contrário, eles constituem a história. Os grandes marcos históricos são assim chamados porque alteram o percurso da sociedade e se destacam dos demais feitos. Por

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

<sup>2</sup> Recém-graduada no curso de Comunicação Social/Jornalismo, da Universidade Católica de Brasília, e-mail: [marcela.luiza@gmail.com](mailto:marcela.luiza@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social, da Universidade Católica de Brasília, e-mail: [szanforlin@gmail.com](mailto:szanforlin@gmail.com)



essência, a história se preocupa com os acontecimentos que marcam a sociedade. O objeto da história é o acontecimento, por isso ela não vai se prender a todos os fatos do cotidiano.

Em uma perspectiva filosófica, o acontecimento é analisado como um fato de relevância ocorrido no agora, baseado na atualidade e não no presente, uma vez que o atual está “construído a partir de certo elemento do presente que se trata de reconhecer como diferença histórica”. Com a mesma ideia sugerida pela filosofia, Sodré também se utiliza da diferenciação entre presente e atualidade para diferenciar o fato do acontecimento jornalístico. Assim, o primeiro é pautado "pela atualidade, por uma experiência singular na temporalidade do aqui e agora" e ao considerar o segundo, "mesmo inscrito na história", como uma "elaboração intelectual" (FRANÇA; OLIVEIRA, 2012: p. 32).

### **Conceito**

Para pensar sobre o conceito de acontecimento é necessário fugir do significado que a linguagem corrente exprime ao sugerir que o acontecimento é o que vem de fora. No pensamento ocidental, o acontecimento é aquilo que irrompe, que quebra a normalidade de pensamento e de ação. Na concepção chinesa, ao contrário, o acontecimento “é apenas a consequência de ‘maturações tão sutis que, habitualmente, as pessoas não foram capazes de observá-las, nem de acompanhá-las” (FRANÇA; OLIVEIRA, 2012: p. 22). Tendo as duas concepções por base, Louis Quéré no artigo “A vida dupla do acontecimento: por um realismo pragmatista”, do livro “Acontecimento: Reverberações” (*apud* FRANÇA; OLIVEIRA, 2012) sugere que o acontecimento não é algo que acontece é algo que “vem a ser, que emerge”.

O vir a ser está ligado à ideia de que o mundo é constituído de acontecimentos que chegam à existência e deixam de fazer parte do tempo e espaço que constituem a noção de mundo. É no tempo presente que os acontecimentos se concentram, eles se encontram dentro de uma temporalidade que começa no passado e chega ao futuro. Quéré (*apud* FRANÇA; OLIVEIRA, 2012) se utiliza dos pensamentos de John Dewey em *Experience and Nature*, para explicar que a reflexão dessa totalidade transforma os acontecimentos em objetos.

### **Acontecimento existencial e objeto**



A diferenciação que Dewey faz e que Quéré (*apud* FRANÇA; OLIVEIRA, 2012) suscita na análise sobre acontecimento é importante para entender o conceito dentro do jornalismo. Segundo os autores, o acontecimento existencial está na esfera da existência e pede um tipo de mudança por parte daquilo que deve existir. O acontecimento enquanto objeto está no campo da reflexão, do julgamento. Ele precisa, necessariamente, de um observador e está inserido no campo da realidade. Para Dewey só é acontecimento a ocorrência que têm um observador, que é objeto de julgamento. Se não tiver tais características, o acontecimento é apenas um vir a ser, que está na esfera da mudança e não pode ser considerado, de fato, um acontecimento. Os acontecimentos existenciais são enfrentados de forma espontânea, baseados “nos hábitos, na percepção direta e na emoção. Eles são abordados pela experiência direta”. Já os acontecimentos-objeto fazem parte dos acontecimentos existenciais recortados no “fluxo de mudanças, isoladas de seu contexto” (FRANÇA; OLIVEIRA, 2012: p. 24). Os acontecimentos evidenciados pela Comunicação são, na maioria dos casos, são objetos.

### **Acontecimento jornalístico**

Analisar um acontecimento jornalístico requer, antes de tudo, a definição de três termos importantes na construção do texto: fato, acontecimento e notícia. Sodré (2009) distingue os três termos ao mesmo tempo em que mostra ligação de ambos na construção do conteúdo jornalístico. "O real da notícia é a sua 'factualidade', a sua condição de representar um fato por meio de um acontecimento jornalístico (SODRÉ, 2009: p. 27). A diferenciação entre fato e acontecimento é feita dentro do âmbito jornalístico, nas demais situações do cotidiano social, os dois termos são utilizados como sinônimo. Contudo, para o jornalismo a diferenciação é válida, uma vez que os "acontecimentos surgem como um tipo especial de fato, da mesma maneira como ganham especificidade as noções de acontecimento histórico ou político" (FRANÇA; OLIVEIRA, 2012: p. 8).

Para Sodré (2009), o acontecimento é a representação social do fato. Ele se pauta pela atualidade, “por uma experiência singular na temporalidade do aqui e agora”. Similar ao valor-notícia, o acontecimento também responde a critérios de “singularidade, acidentalidade, improbabilidade; unicidade, singularidade, desvio, proeminência” (SODRÉ, 2009: p. 33). Já a notícia é o relato do acontecimento factual. Segundo Sodré (2009: p. 71), ela é responsável por construir o acontecimento na esfera



pública. Por meio de instrumentos jornalísticos como a apuração, as entrevistas, a redação e edição de textos, ela transforma o fato em uma narrativa do acontecimento. Mas, nem todos os fatos são capazes de serem transformados em notícias. Os valores-notícia que determinam quais os “acontecimentos são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias” (WOLF, 1985: p. 85).

A notícia pode ser entendida como sendo um “conjunto de informações que relaciona um mesmo espaço temático, tendo um caráter de novidade, proveniente de uma determinada fonte e podendo ser diversamente tratado” (CHARAUDEAU, 2005: p. 132). Mas o que é a informação? Ela é a definição de sentido dada para um dado. Esse pode ser entendido como “um conjunto de registros qualitativos ou quantitativos, conhecido, que organizado, agrupado, categorizado e padronizado adequadamente transforma-se em informação” (MIRANDA, 1999 *apud* RUSSO, 2010: p.14). Essa produção de sentido é exposta por meio da linguagem, que “aponta para a maneira pela qual se organiza a circulação da fala na comunidade social ao produzir sentido” (CHARAUDEAU, 2005: p. 33).

### **Acontecimento, discurso e mídia**

Para Charaudeau (2005), o significado de uma notícia será diferente para cada pessoa, a linguagem liga-se a um “ato de troca” e “volta-se para o mundo para recortá-lo” e “reconstruí-lo em categorias de sentido” (CHARAUDEAU, 2005: p. 94). Essa construção possibilita que o mundo se transforme em um “mundo comentado”, onde se encontra o acontecimento. A percepção do acontecimento, de acordo com Charaudeau, só é possível por meio da linguagem, pois “é falando que o sujeito confere a tais fenômenos [considerados acontecimentos] uma significação” (CHARAUDEAU, 2005: p. 96).

A partir do discurso, os acontecimentos são evidenciados e transmitidos a um determinado grupo. Mas eles ainda precisam de algum meio de distribuição. É aqui que surgem os meios de comunicação como ferramentas imprescindíveis para a disseminação dos acontecimentos. Em um dos artigos apresentados no livro “Acontecimento: reverberações”, Habibbou Fofana cita um dos pensamentos de Eliseo



Veron para dizer que “os acontecimentos sociais só existem na medida em que [os] meios de comunicação os constroem” (*apud* FRANÇA; OLIVEIRA, 2012: p. 186). Para a pesquisa jornalística, “a temática do acontecimento abre um vasto campo de reflexões e se desdobra em diversas ‘teorias do acontecimento’, caracterizando-se, cada uma, por inflexões próprias”. (FRANÇA; OLIVEIRA, 2012: p. 8). Neste trabalho são estudadas duas vertentes da teoria do acontecimento: o acontecimento como narrativa do fato e a que destaca o poder hermenêutico do acontecimento.

Para entender o discurso jornalístico dentro da análise deste trabalho, é necessário, primeiramente, lembrar o conceito de discurso jornalístico que, elevado à categoria de acontecimento, pode colocar em evidência questões existenciais que estão no imaginário humano, como a morte, o amor, a violência. Essas sensações quando evidenciadas na mídia, transformam o acontecimento em um acontecimento midiático, que está na esfera daqueles que provocam a sensação de uma experiência compartilhada. Os acontecimentos midiáticos são trazidos à tona pelas lentes da mídia. É ela que reflete a realidade do acontecimento, como a fotografia – considerada a primeira imagem do acontecimento -, que para produzir uma imagem necessita de um “número ilimitado de imagens virtuais, (ainda que cada uma delas esconda uma outra)” (MOUILLAUD, 2002: p. 66).

## **Metodologia**

Presente nos estudos das Ciências Sociais, este trabalho foi desenvolvido em função do crescimento da pesquisa científica em torno da construção do acontecimento no ofício jornalístico, motivado pelo interesse em entender como o tema é construído pela mídia. Para atender o objetivo proposto, o trabalho escolheu como objeto um acontecimento recente da história brasileira – a morte do presidente Eduardo Campos.

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, pois os dados obtidos foram lidos “com interpretações das realidades sociais” (BAUER; GASKEL, 2007: p. 23). A metodologia para o desenvolvimento desta pesquisa fornece mecanismos exploratórios que possibilitam a investigação da construção do acontecimento em um veículo de comunicação, tendo como foco a hermenêutica e a narração do fato, conforme sugerido pelos autores citados acima (FRANÇA; OLIVEIRA, 2012), (SODRÉ, 2009),



(CHARAAUDEAU, 2005), (MOUILLAUD, 2002) (VEYNE, 1987). Com o intuito de perceber como o “acontecimento alarga o horizonte do possível, aponta alternativas impensadas, convoca passados esquecidos e abre o presente para novos futuros possíveis” (FRANÇA; OLIVEIRA, 2012: p. 9), foi escolhida a metodologia da semana construída, chamada por Bauer no artigo “Análise de conteúdo clássica: uma revisão”, do livro “Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som”, de “semana artificial”, por possibilitar uma “amostra para publicações regulares” (BAUER; GASKEL, 2007: p. 196), sem a obrigatoriedade de uma periodicidade.

Baseada na metodologia escolhida foram construídas três semanas que narram o presente, passado e as reverberações futuras mais imediatas ao acontecimento selecionado. Dentro do período de cada semana, foram analisadas as matérias publicadas no site da Folha de S. Paulo (2º lugar no *rank* dos 50 maiores jornais do país de circulação paga por ano, segundo a Associação Nacional de Jornais – ANJ), na seção Site da Folha e com o filtro “Eduardo Campos”. Para uma análise mais precisa da notícia, foram descartados artigos e opiniões de colunistas. Na primeira semana, observou-se o dia da tragédia que resultou na morte do presidente até o anúncio oficial de quem o sucederia. Para conseguir uma compreensão mais detalhada dessa primeira parte do acontecimento – a da atualidade -, optou-se por analisar as cinco primeiras publicações que falam diretamente sobre Eduardo Campos e os desdobramentos provocados pela morte dele, em cada dia que compõe esta semana artificial. A segunda semana compreende o dia do anúncio oficial da candidatura da ex-senadora Marina Silva à Presidência da República até o dia do primeiro turno das eleições de 2014, quando ocorreram as primeiras reverberações do acontecimento. Esta semana construída é composta por sete semanas cronológicas, assim, foi analisada uma matéria para cada semana cronológica, de modo a possibilitar uma dimensão ampla dos desdobramentos, mas sem produzir uma amostra periódica. A seleção das matérias levou em conta desdobramentos das eleições 2014 – principal reverberação política do acontecimento. A terceira semana é composta pelos sete dias que antecedem o ápice do acontecimento, com a morte de Campos. Nesta semana, foram analisadas uma matéria por dia, de modo a explorar os discursos midiáticos produzidos sobre o presidente antes da tragédia. A escolha da matéria foi determinada por notícias que apresentavam o perfil e as propostas políticas do então candidato à Presidência da República.



SEMANAS	MATÉRIAS ANALISADAS	JUSTIFICATIVA
Do dia 13 ao dia 20 de agosto	5 notícias analisadas por dia. Total: 40 matérias	Semana que compreende do acontecimento – a morte de Eduardo Campos – até o anúncio oficial de Marina Silva como sua sucessora.
Do dia 20 de setembro ao dia 5 de outubro	7 notícias analisadas	Compreende do dia do anúncio oficial de Marina Silva como sucessora de Eduardo Campos, até o 1º turno das Eleições 2014, quando Marina perde a campanha.
Do dia 6 ao dia 12 de agosto	1 notícia por dia: Total: 7 matérias analisadas	Semana que antecede a morte de Eduardo Campos

Fonte: Rodrigues (2014).

Ao final da seleção e análise das 54 publicações, as matérias foram cruzadas a fim de verificar os elementos discursivos presentes que possibilitaram ou não a construção de um acontecimento midiático.

### **Muito além do “13 de agosto”**

Ao garçom, o então candidato à presidência pelo PSB, Eduardo Campos, pediu uma mesa. Ele estava “com assessores, a mulher, Renata, e o filho caçula, Miguel, de sete meses, que ficou dormindo no carrinho parte do tempo”. Com vista para a praia de Copacabana, o ex-governador de Pernambuco se acomodou em uma das mesas do restaurante Atlantis, do hotel *Sofitel*, onde estava hospedado; no cardápio selecionou um peixe – um robalo – e fez o pedido. Segundo matéria publicada pelo site da Folha de S. Paulo, foi assim o último jantar de Campos antes da queda do avião em que ele estava. Na mesma noite, Campos teve a última aparição pública, durante a sabatina no Jornal Nacional, como ressalta a mesma matéria. Em outra matéria, o jornalista resgata a morte do avô de Eduardo Campos, que ocorreu há nove anos, também em um 13 de agosto.

As matérias citadas têm um fato em comum que é determinante para a presente pesquisa: elas evocam parte do passado do acontecimento. Assim, a primeira parte desta análise começa com o que França e Oliveira (2012) chamam de convocar passados. Na análise das 40 matérias selecionadas na primeira semana construída, verificou-se publicações de textos, infográficos e imagens que resgatam a história política e afetiva





de Eduardo Campos. Veja abaixo, quadro com os títulos das matérias desta primeira semana:

Nº	TÍTULOS
01	Aeronave cai em Santos e deixa 2 mortos e ao menos 7 feridos
02	Avião com Eduardo Campos cai em Santos (SP)
03	Marina Silva embarcaria no avião em que estava Campos
04	Presidenciável Eduardo Campos morre em acidente aéreo em Santos (SP)
05	De família tradicional, Campos estreou cedo na política e era bom articulador
06	Dificuldade na campanha era maior que a prevista
07	Moradores de prédio atingido por avião passam a noite fora de casa
08	Aviação privada é a líder em acidentes no país
09	Horas antes, Campos comemorou desempenho no 'Jornal Nacional'
10	Herdeiro de Arraes, Campos se equilibrava entre polos ideológicos
11	No Recife, cemitério onde Campos será enterrado passa por reparos
12	Ala do PSB resiste a candidatura de ex-senadora
13	Marina passa noite em claro e pede tempo de luto
14	Viúva de Campos defende que Marina seja candidata
15	Sensação de que a morte bate na porta errada', lamenta viúva
16	Restos mortais serão liberados na tarde de sábado, diz Alckmin
17	Marina e viúva têm conversa de mais de uma hora –
18	Novo cenário eleitoral reacende 'volta, Lula'
19	Herdeiro político do pai, filho de Campos quase concorreu à Câmara
20	PSB sela acordo para lançar Marina Silva no lugar de Eduardo Campos
21	Marina deve assumir os compromissos de Campos, diz sociólogo
22	Em PE, momento era difícil para ex-governador
23	Circunstâncias da morte e ligação com 'mito' podem tornar Campos alvo de devoção.
24	Prefeitura em PE aluga ônibus para levar moradores a enterro
25	Morte súbita de Campos recoloca a ex-ministra no centro da arena eleitoral
26	Avião da campanha de Campos fez 19 voos em 12 dias
27	Para equipes de campanha, morte zera o jogo eleitoral
28	Eduardo Campos foi alvo de grande ironia da história, diz Maurício Rands
29	Com 21% no 1º turno, Marina empataria com Dilma no 2º
30	Só idiotas' pensam que trabalho contra Marina, diz presidente do PSB
31	'É hora de luto, mas também de luta', diz propaganda do PSB
32	Viúva de Campos rejeita ideia de ser candidata a vice
33	Estivador que afirmou ter visto corpo de Campos diz que 'fantasiou'
34	Fabricante de avião alertava para riscos
35	No rádio, PSB, Dilma e Aécio fazem homenagem a Campos
36	Vídeo mostra imagens da queda do avião de Campos
37	Marina critica exploração da morte de Campos por rivais
38	Alckmin e Padilha vão homenagear Campos na estreia na TV
39	Homenagens a Campos dominam programas de rivais em PE
40	Propaganda de candidatos ao governo do Rio começa sem presidenciáveis

Fonte: Rodrigues (2014).

Na matéria de nº 9, “Horas antes, Campos comemorou desempenho no 'Jornal Nacional’”, o jornalista descreve o último jantar do presidenciável:

No jantar, Eduardo Campos pediu peixe, um robalo. De madrugada, telefonou ao correligionário Márcio França (PSB-





SP) pedindo a ele que o representasse em um evento de manhã em Santos, pois, em razão da comemoração, queria descansar um pouco mais. "Eu disse que iria em seu lugar", contou França. E Na manhã desta quarta (13), ele tomou café com a família no hotel, antes de seguir para o aeroporto Santos Dumont, onde embarcou para Santos às 9h21. (FOLHA DE S. PAULO 14/8/2014).

É possível perceber que a narrativa da matéria tenta aproximar à figura pública em questão dos leitores, ao descrever ações cotidianas de Eduardo Campos, a matéria cria um vínculo com o leitor e um incômodo frente ao inesperado que destrói o momento em que o candidato comemorava um desempenho bom em uma entrevista. Essa narrativa utilizada na construção da notícia sugere uma comoção coletiva, capaz de “gerar a sensação de experiência compartilhada”, como sugere Benetti (BENETTI; FONSECA, 2010: p. 154). Tal comoção cresce quando a produção jornalística resgata o passado político de Campos para tornar conhecida sua história. Esse resgate do passado permite ao leitor conhecer Campos e, conseqüentemente, possibilitar os processos de investigação, julgamento e discussão sobre o acontecimento, fazendo dele objeto.

O resgate histórico de Campos também resgata arquétipos inseridos no imaginário social – nesse caso, mortes inesperadas de pessoas públicas. E é por meio desses arquétipos que o jornalismo transforma o acontecimento em algo evidente, conhecido pela sociedade, em “acontecimento discursivo social”, pois gera novos acontecimentos e se torna objeto de pesquisa científica. A tragédia do dia 13 de agosto transformou Campos conhecido mundialmente, modificando o cenário anterior, como constatado na matéria “Na TV, Marina apresentará Campos ao eleitor”, selecionada na análise da terceira semana construída – antes do acontecimento. A notícia foi publicada no dia 9 de agosto e mostra uma pesquisa Datafolha que apontava o candidato do PSB desconhecido por 41% dos brasileiros naquela época.

### **Desconstrução da realidade**

Veja abaixo tabela de títulos das sete matérias selecionadas na terceira semana construída:

01	Campos diz que aumentará subsídios ao agronegócio e defende Marina.
02	Pesquisa Ibope mostra poucas mudanças na corrida presidencial
03	Campos exalta passado com Lula e diz que Dilma faz 'terrorismo' com Bolsa Família
04	Na TV, Marina apresentará Campos ao eleitor.
05	Campos pede investigação sobre Petrobras e critica gestão da estatal



06	“Dilma 'nem tentou' reforma tributária e 'atendeu no balcão', diz Campos”
07	Para Campos, governo 'tem dinheiro pra tudo, menos para o que interessa'

Fonte: Rodrigues (2014)

A matéria “Pesquisa Ibope mostra poucas mudanças na corrida presidencial” apresenta os dados das últimas duas pesquisas eleitorais, antes do acontecimento analisado. Segundo o texto, a pesquisa Ibope divulgada no dia 7 de agosto mostrava Eduardo Campos em terceiro lugar na corrida presidencial com 9%; a matéria também relembra a pesquisa Datafolha do dia 16 de julho, que também mostrou o ex-governador de Pernambuco em terceiro lugar, com 8% das intenções de voto.

O dado da matéria citada acima mostra uma realidade em que Campos estava longe de conseguir ganhar as eleições presidenciais. As outras seis notícias da terceira semana construída são comuns e em outro contexto não apresentam grande valor noticioso. Contudo, quando inseridas dentro do acontecimento analisado, se mostram importantes, pois evidenciam o discurso empregado antes do dia 13 de agosto, discurso esse que apresenta Campos apenas como candidato à presidência, com as propostas dele, como na matéria “Campos diz que aumentará subsídios ao agronegócio e defende Marina”, em que apresenta a proposta do candidato de melhorar o sistema de seguros e fortalecer a interlocução dos agricultores e pecuaristas com Brasília; ou um discurso jornalístico que apresenta críticas ao governo atual, como na matéria “Campos exalta passado com Lula e diz que Dilma faz 'terrorismo' com Bolsa Família”, em que a publicação evidencia a crítica do presidenciável ao falar que “o governo que está lá em Brasília só têm uma proposta a fazer aos nordestinos, que é a ameaça do Bolsa Família”.

A respeito da devoção que a morte de uma figura pública pode causar, a matéria “Circunstâncias da morte e ligação com 'mito' podem tornar Campos alvo de devoção”, selecionada na primeira semana construída, mostra a perspectiva hermenêutica do acontecimento, que ultrapassa a linguagem para provocar interações sociais.



Fonte: Folha de S. Paulo (2014)



A imagem acima é da trabalhadora rural aposentada, Maria Delmira da Silva, de 81 anos. O retrato foi publicado na matéria citada acima. O registro do choro dela, segurando o retrato de Miguel Arraes, evidencia o poder hermenêutico do acontecimento de se configurar no domínio da experiência, como proposto por França e Oliveira (2012), na sua “capacidade de interferência no quadro da normalidade e das expectativas previstas no desenrolar do cotidiano de um povo”. O poder hermenêutico do acontecimento torna ele mais difícil de ser superado, no caso de tragédias como é o caso do acontecimento analisado neste trabalho. Como disse Renata Campos, “não estava no script”. A imprevisibilidade, o inesperado a ruptura da normalidade, da organização de um “script” é uma das características que faz do acontecimento mais do que um fato.

### **A construção do acontecimento**

No caso da morte de Eduardo Campos, a construção da tragédia foi feita no site da Folha de forma gradual. A primeira matéria selecionada na primeira semana construída - Aeronave cai em Santos e deixa 2 mortos e ao menos 7 feridos – destaca na narrativa a queda de um avião, apenas no último período do segundo parágrafo que fala que “O candidato à Presidência Eduardo Campos (PSB) também estava dentro da aeronave”. Essa é a primeira matéria publicada no portal de acordo com a metodologia aplicada. Observe que o valor-notícia é a acidentalidade, em que o destaque para a queda de uma aeronave é maior do que a morte de Campos. A segunda matéria publicada da semana construída – “Avião com Eduardo Campos cai em Santos (SP)” – confirma que Eduardo Campos estava no avião que caiu, mas não confirma a morte de Campos. Apenas no sétimo parágrafo da matéria que cita o nome das outras seis pessoas que estavam a bordo do avião e morreram com a queda, e de ao menos “cinco pessoas que ficaram feridas e foram encaminhadas para o hospital da região”. Note que o acontecimento midiático está sendo construído a cada notícia. Os elementos textuais e visuais colocados de forma gradativa ajudam a construir o acontecimento midiático. Mas é na quarta matéria desta primeira semana construída que se dá o ápice da atualidade do acontecimento. Com a confirmação do acontecimento inicia-se um resgate do passado do presidenciável, como no segundo parágrafo que faz um breve histórico político de Campos ao falar que ele “estava em terceiro lugar na corrida presidencial”, era “ex-governador de Pernambuco e ex-ministro de Ciência e Tecnologia do governo Lula”, e era “considerado um dos políticos mais promissores de sua geração”.



Por se tratar de uma figura pública, a cobertura midiática no entorno de todo os desdobramentos do acontecimento é intensa, como pelo acompanhamento das investigações sobre o que motivou a queda do avião como nas matérias “Avião da campanha de Campos fez 19 voos em 12 dias” e “Fabricante de avião alertava para riscos”, da primeira semana construída, que instigam possíveis motivações para o acidente. Assim, é possível constatar que as notícias analisadas ressignificaram a história de Eduardo Campos a partir de sua morte – o ápice do acontecimento. Essa ressignificação, ainda que provocada pela mídia, é produzida pelo imaginário coletivo de uma sociedade abalada pela tragédia, tomada por um clamor público que necessita de repaginar a história para conseguir encarar o acontecimento. A exemplo disso, Babo-Lança (*apud* FRANÇA; OLIVEIRA, 2012) diz que “os quadros coletivos de memória são constituídos por ideias, juízos, imagens com significação social que se reportam ao passado e servem de referência” (FRANÇA; OLIVEIRA, 2012: p. 56) para a construção do futuro, talvez. Esse futuro anunciado por desdobramentos como a candidatura da ex-senadora Marina Silva, até então vice da chapa de Campos, à presidência pelo PSB – eis aqui uma das principais reverberações, se não for a principal, do acontecimento analisado e que é papel de análise da terceira semana construída. Observe quadro com títulos das matérias selecionadas para essa semana.

### Reverberações

01	PSB e Rede disputam comando da campanha
02	Marina rebate acusação de plágio e diz que não se pode 'privatizar ideias'
03	Campanha de Marina prevê queda nas pesquisas e traça meta por 2º turno”
04	Dilma lidera corrida pelo Planalto com 39% dos votos, diz pesquisa CNI/Ibope
05	Viúva de Eduardo Campos exalta candidato em programa eleitoral
06	História de Marina vira revista em quadrinhos na reta final do 1º turno
07	No fio da navalha: Marina vai de carta fora do baralho a favorita a ameaçada

Fonte: Rodrigues (2014).

A sucessão de Campos assumida pela ex-senadora do Acre Marina Silva modificou a corrida eleitoral de 2014. Mas essa sucessão alterou parcerias políticas já firmadas, provocando o que a primeira matéria desta terceira semana intitulou de “PSB e Rede disputam comando da campanha”. Essa publicação, do dia 21 de agosto – um dia após o anúncio oficial da candidatura de Marina Silva - narra um atrito entre a ex-senadora e o secretário-geral do PSB, Carlos Siqueira. Esse desdobramento conflituoso já era anunciado na matéria “Ala do PSB resiste a candidatura de ex-senadora”, selecionada na primeira semana construída e que falava dos argumentos de quem

apoiava marina como sucessora de Campos – “seria uma traição se não fosse ela”, e daqueles que temiam que, se eleita, ela entregasse o planalto para outra legenda, no caso a Rede. Ao contrário dessa matéria, em que o novo presidente nacional do PSB, Roberto Amaral, apresentou resistência à candidatura de Marina, a matéria “Só idiotas' pensam que trabalho contra Marina, diz presidente do PSB”, que colocava Marina como possibilidade de assumir o lugar de Campos, assim como Renata Campos se quisesse ser vice de Marina, mas que rejeitou a possibilidade como revela a matéria “Viúva de Campos Viúva rejeita ideia de ser candidata a vice”.

É necessário entender que a reviravolta política que se dá após o dia 13 de agosto é a principal reverberação da morte de Eduardo Campos – o acontecimento analisado por esta pesquisa. Mas ao analisar as matérias das três semanas construídas é possível perceber que o discurso criado entorno de Marina Silva, torna não ela, mas o fato da candidatura dela representar uma grande ameaça a polarização dos dois principais partidos vigentes no país. E essa construção discursiva é vista na narrativa de matérias como a apresentada acima, como nos recursos gráficos (galeria de fotos, infográficos e ilustrações).

Paralelo a essa reverberação na campanha presidencial, a morte de Eduardo Campos é percebida na mídia como um fator que influenciou a eleição do candidato do PSB a governador na terra natal de Campos, como apresentado na matéria “Viúva de Eduardo Campos exalta candidato em propaganda eleitoral”, em que o texto descreve um vídeo de campanha do candidato a governador de Pernambuco que estava atrás nas pesquisas antes da tragédia do dia 13 de agosto e acabou sendo eleito em primeiro turno.

O fato mais importante, nessa análise, contudo, é perceber a importância dos *mass media* para o acontecimento. *Walter Lippmann*, no livro “*The world outside and the pictures in our heads*”, publicado em 1922, “argumenta que os meios de comunicação social (a imprensa, essencialmente, nesse momento histórico) são a principal ligação entre os acontecimentos do mundo e as imagens desses acontecimentos na nossa mente” (*apud* TRAQUINA, 2001: p. 52). Eis aqui a exemplificação do que fora dito sobre o acontecimento não estar concentrado no presente, mas passar os tempos, o que possibilita a construção de uma narrativa, que transformam o fato (a queda de um avião) em um acontecimento.



## **Considerações finais**

A morte de Eduardo Campos é um acontecimento. Essa afirmação pode ser comprovada a partir da análise feita com as 54 matérias selecionadas dentro das três semanas construídas, e utilizando os conceitos teóricos apresentados neste trabalho. O que a primeira vista podia parecer uma confirmação óbvia, uma vez que a morte de uma figura pública em um acidente trágico é, por si só, um acontecimento no sentido que ele “irrompe na vida dos sujeitos e atua na ordenação dessa vivência, a partir dos sentidos que o próprio acontecimento instaura e que movimentam e constroem o contexto social” (FRANÇA; OLIVEIRA, 2012: p. 216.); se transformou, neste trabalho, em uma afirmação complexa e carregada de sentidos merecedores de atenção, em especial dos profissionais capazes de transformar o acontecimento existencial em um acontecimento midiático – os jornalistas.

Ao retornar à gênese do acontecimento, observa-se que tudo que se tinha no dia 13 de agosto de 2014 eram fatos, constatações de que um avião havia caído em Santos (SP) e provocado a morte de sete pessoas, entre elas um dos candidatos à presidência da República.

Este trabalho finaliza, assim, com o objetivo cumprido de apresentar a forma como o acontecimento midiático é construído na imprensa. Constatou-se ainda, por meio da exposição teórica que o acontecimento midiático ultrapassa os limites da notícia e deve ser observado com mais cuidado pelo profissional que produz a notícia, uma vez que ele tem a potencialidade de provocar reverberações que podem modificar a sociedade.

## **Referências bibliográficas**

BAUER, M W.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som.** 6 ed. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2007.

BENETTI, M; FONSECA, V. P. da. S. (Orgs). **Jornalismo como acontecimento: mapeamentos críticos.** Florianópolis: Insular, 2010. Disponível em: [https://www.academia.edu/7425803/O\\_jornalismo\\_como\\_acontecimento\\_.cap%C3%ADtulo\\_1\\_ivro\\_Jornalismo\\_e\\_Acontecimento\\_vol.\\_1](https://www.academia.edu/7425803/O_jornalismo_como_acontecimento_.cap%C3%ADtulo_1_ivro_Jornalismo_e_Acontecimento_vol._1). Acesso em 2 de novembro de 2014.



CARDOSO, H. R. Jr. **Acontecimento e história: pensamento de Deleuze e problemas epistemológicos das ciências humanas.** Disponível em :  
1http://www.scielo.br/pdf/trans/v28n2/29417.pdf. Acesso em 14 de setembro de 2014.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias.** 2 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

COADIC, Y. F. le; tradução de Maria Yêda F. S. de Filgueiras Gomes. **A ciência da informação.** Brasília, DF: Brinquet de Lemos/ Livros, 1996. Disponível em:  
<http://www.restaurabr.org/siterestaurabr/CICRAD2011/M1%20Aulas/M1A3%20Aula/20619171-le-coadic-francois-a-ciencia-da-informacao.pdf> . Acesso em 8 de dezembro de 2014.

FOLHA De S. Paulo. Manual de Redação, São Paulo: PubliFolha, 2011.

FOUCAULT, M. Arqueologia do saber. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987. Disponível em: <http://gambiarre.files.wordpress.com/2010/09/foucault-a-arqueologia-do-saber.pdf>. Acesso em 24 de outubro de 2014.

FRANÇA, V. R. V.; OLIVEIRA, L. de. (Orgs) **Acontecimento: reverberações.** Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

KARAM, F. José. **Jornalismo, Ética e Liberdade.** 3 ed. São Paulo: Summus, 1997. Disponível em:  
<[http://books.google.com.br/books?hl=en&lr=&id=tuf\\_Vd9ziiIC&oi=fnd&pg=PA6&dq=deontologia+do+jornalismo+&ots=pI\\_w3ETA6e&sig=HRzmn4X14JNU6ABF4u2Vd6xWKb4#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?hl=en&lr=&id=tuf_Vd9ziiIC&oi=fnd&pg=PA6&dq=deontologia+do+jornalismo+&ots=pI_w3ETA6e&sig=HRzmn4X14JNU6ABF4u2Vd6xWKb4#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 4 de maio de 2014.

**Maiores Jornais do Brasil.** Disponível em: <http://www.anj.org.br/maiores-jornaisdobrasil?highlight=WyJmb2xoYSIsImRliiwic1x1MDBIM28iLCJwYXVsbysImZvbGhhIGRliiwizm9saGEgZGUgc2FvliwiZGUgc1x1MDBIM28iLCJkZSBzXHUwMGUzbyBwYXVsbyIsInNcdTAwZTNvIHBhdWxvIl0>. Acesso em 20 de novembro de 2014.

MOUILLAUD, M. **O Jornal: Da forma ao sentido.** 2. ed. Brasília: UnB, 2002.

RUSSO, M. **Fundamentos de Biblioteconomia e Ciência da Informação.** Rio Janeiro: E-papers Sevios Editoriais, 2010. Disponível em:  
<http://books.google.com.br/books?hl=en&lr=&id=1oi8RX1xODgC&oi=fnd&pg=PA5&dq=conceito+de+%22dado%22,+informa%C3%A7%C3%A3o+e+not%C3%ADcia&ots=a8HK5dtvR2&sig=JBqnaltxYtUgZqoljK8deu971jM#v=onepage&q=informa%C3%A7%C3%A3o&f=false>. Acesso em 8 de dezembro de 2014.

SIMÕES, P. G. **A morte de Eduardo Campos e a sociedade brasileira.** Disponível em:GRISLAB<http://grislab.com.br/a-morte-de-eduardo-campos-e-a-sociedade-brasileira/>.

SODRÉ, M. **A Narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento.** Petrópolis (RJ): Vozes, 2009.

TRAQUINA, N. **O estudo do jornalismo no século XX.** São Leopoldo (RS) : Unisinos, 2001. Disponível em: [http://minhateca.com.br/atilamunizpa/Livros/NELSON+TRAQUINA+-+o+estudo+do+jornalismo+no+s\\*c3\\*a9culo+XX,2732696.rtf](http://minhateca.com.br/atilamunizpa/Livros/NELSON+TRAQUINA+-+o+estudo+do+jornalismo+no+s*c3*a9culo+XX,2732696.rtf). Acesso em 2 de novembro de 2014.

VEYNE, P. **Como escreve a História e Foucault revoluciona a história.** Brasília: UnB, 1998. Disponível em:  
[file:///C:/Users/familia/Downloads/Como%20se%20Escreve%20a%20Hist%C3%B3ria%20-%20Paul%20Veyne%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/familia/Downloads/Como%20se%20Escreve%20a%20Hist%C3%B3ria%20-%20Paul%20Veyne%20(1).pdf). Acesso em

WOLF, M. **Teorias da comunicação de massa.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.